

1 Escritora, educadora, possui bacharelado e licenciatura em História pela Unesp, mestrado em Ciências Sociais pela Unifesp, tendo atuado em espaços de educação formal e populares. Desenvolve pesquisa de rigor bobo nas áreas de corpo, memória, educação, amor e artes bobas.

2 Preciado, P. *Testo Junkie: Sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica*. São Paulo: n-1, 2018, p. 6.

## O gênero e a onça

Adelaide Maria de Estorvo Alencar da Silva<sup>1</sup>

À Ika Eloah

Como sempre, peço, aqui, permissão para falar livremente – ainda que fique, de todo modo, a impressão contrassensual de que, se se deseja falar livre, não há que se dispor a obediências, aguardar permissões. Ainda assim, insisto que existem algumas sutilezas que conectam os encontros cotidianos que produzem parcerias, convites a parcerias; o diálogo é uma parceria: quando, por exemplo, peço permissão para falar livremente, não indico que só falarei caso ela me seja concedida (a não ser que o permissor em questão esteja intencionado me rogar uma praga, me tacar pedras ou brincar com minha delicada autoestima), mas animada pelo desejo de convidar-te a compor uma parceria dialógica com esta bixa, seja você desobediente de gênero e sexualidade ou transaliado. Ainda é importante que as pessoas – ou, nos infelizes limiares, algumas pessoas – se sintam parte-parceiras dos encontros, tecendo sentidos e dividindo intenções, lambendo feridas e povoando mapas. Ainda é importante? Apostas.

### I.

*Uma revolução está acontecendo. Não apenas dentro de mim, mas em todo o mundo. Essa revolução não aconteceu nos anos 1960, glamorosos e hippies. Não vai acontecer dentro de mil anos. A revolução está acontecendo agora, na sua frente. Você está no meio dela e, consciente ou não, você faz parte dela. 'Transfeminismo' é o nome desta revolução. Se você está cheio do seu gênero, cansado de binários (menino-menina, hetero-homo, branco-não branco, animal-humano, norte-sul), além do modelo 'casal romântico', perdendo as esperanças no capitalismo e vive verdadeiramente a utopia de ser tornar outra pessoa, você é transfeminista. "Transfeminismo não é pós-feminismo. Transfeminismo é feminismo do século XXI reloaded."<sup>2</sup>*

Quando uma pessoa trans transiciona, toda a sociedade, todo o território que ela habita, transiciona – e mesmo os que se avizinham. Existem, de certo, várias maneiras de medir, pensar, os impactos do transfeminismo, os efeitos possíveis das reivindicações somáticas dessas desobediências, mas mantenhamo-nos nos níveis, nas intensidades próprias das afecções. Quais os entendimentos possíveis para os afetos mobilizados por estes novos encontros com as transvestigeneridades? Que enunciados, que práticas, que mobilizações estão sendo produzidas a partir e com os desfiles de corpos desobedientes pelo parlamento, pelas escolas, pelas repartições, pelos parques em dias de domingo?

Bom, de entrada, gostaria de fazer uma apresentação um pouco mais acabada acerca do que entendo por novos encontros: não tomo parte, aqui, dos discursos que falam da "moda trans", que isso é "assunto novo", ou quaisquer dessas bobagens ou equívocos históricos; escrevo sobre impressões, impressões sobre os tempos que vivo, vivi, entre as capitais e os interiores dessa porção sul-sudestina do Brasil – aprendi com minhas amigas nordestinas que o reconhecimento de regionalismos/regionalidades é necessárrissimo –, coisas coisas que tenho sentido e sobre as quais tenho trabalhado

3 Descubra sobre o genialíssimo paradoxo de Indianare Siqueira.

4 Descubra quem foi Laura Vermont.

5 Descubra quem são Érica Malunguinho e Érika Hilton.

6 Descubra quem foi Heliogábalos.

7 Descubra quem foi Cláudia Wonder.

– mesmo que saiba que não sinta e trabalhe só. Escrevo sobre esses tempos de gênero, mais especificamente, sobre essa sensação material de o gênero, ou sentidos do gênero, estar presentificando-se em muitos e distintos espaços, como esporos ao vento, em bocas espúrias e bocas de cura. Antes que estabelecer uma origem, gostaria de fazer um pequeno recorte, uma incisão na marcha inexorável de certa narrativa histórica, e trazer os seios de Indianare Siqueira<sup>3</sup> dos idos de 2013 como (uma das) ponta de lança desse movimento, dessa revolução de que fala Preciado, e das alianças e das matanças que se produziram em sequência direta e indireta, sobre Lauras Vermonts<sup>4</sup> e sobre Éricas, Hiltons e Malunguinhos<sup>5</sup>, e também sobre os braços que nos foram dados em algumas (difíceis ou não) caminhadas. Isso não é um assunto novo, de Heliogábalos<sup>6</sup> à Cláudia Wonder<sup>7</sup>, desde as bixas que aqui viviam antes do assalto ao continente às que foram perseguidas pela polícia em tempos de ditadura militar, os novos encontros, aqui, são certamente nutridos de partículas de tempo portadores de códigos e dados que se fundem à circuitaria das espacialidades onde habito, ativando-as segundo certos esquemas de funcionamento: de meu corpo é possível recuperar um punhado de histórias, nossos corpos são nutridos (ou compõem regimes de programação a partir) dessas mesmas partículas de tempo – esta recuperação, produto de máquinas de lembrança, põe em circulação estes dados de tempo, histórias.

Gostaria de já deixar registrado aqui que se trata de um partido que tomo, que não respondo por ninguém, apesar de não me encontrar de todo despertencida, que não falo por boca nenhuma, apesar de não ser uma voz sem eco. Divido visões.

## I.I

*Quando uma pessoa trans transiciona, toda a sociedade transiciona junto com ela.* O que significa dizer tisso? Se Joan Scott e a Pastora Lusmarina Campos pensam o gênero como categoria e/ou instrumental analítico para compreensão e prática da história e das relações sociais, o movimento de produzir corpo operado nas transições – operado não, em operância –, gerador, em onda, de perturbações na suposta unidade dos corpos adjacentes que parecem dizer “o que é isso?” parecendo perguntar “o que sou?”, me leva a sentir, nas operâncias de gênero das desobedientes, a criação ou ativação de uma modalidade do gênero como categoria analítica de habilitar-se, no e pelo encontro, como categoria autoanalítica, alargando as já existentes brechas nos atos performativos de gênero<sup>8</sup>, introduzindo pausas.

À moda dos casos clínicos, trago um caso pedagógico: em uma roda de conversa mediada por esta bixa, eu,...

pera, tenho algo a dizer sobre as rodas de conversa: são sensíveis, tremendamente sensíveis, os efeitos da presença das rodas de conversa nos/dos últimos tempos em Pindorama, e assim o digo, por tê-los vivenciado, não por tê-los investigado nas bibliografias ou hemerotecas ou arquivos, não por desprezo metodológico, mas por desejar apresentar fragmentos arbitrários, deliciosamente

8 A performatividade de gênero como apelo a citação de normas de gênero-sexo, de citação à leis produtoras de identificações para inteligibilidade dos corpos em gênero-sexo, leis acumuladas previamente e que no contínuo e dissimulado, portanto, naturalizado, processo de citação, na reiteração da norma (pois o ato performativo nunca é um ato singular, como diz Butler), apresentam brechas constitutivas pelas quais é possível produzir crises – uma abertura à derivação e ao desvio – em sua suposta e aparente estabilidade.

arbitrários, do arrebatamento – diz-se se muito sobre o virar das chaves, "*é preciso fazer virar a chave*", "*temos que virar a chave*", eu vi, com estes olhos dos meus pés, das minhas bocas, com os olhos dos meus olhos, e os olhos das minhas mãos, este virar de chave –, dizia, o arrebatamento mobilizado nos corpos e pelos corpos em roda e em conversa. Em tempos de morte da escola, em tempos de ruína da escola, escola no seu mais largo sentido, larguíssimo, as escolas das copas das empresas, as escolas escolas, as escolas praça, as escolas trem, as escolas bar, em tempos onde caminhar pelos corredores das instituições de ensino é caminhar – talvez, *ainda é caminhar* – por lugares de desespero e descontentamento e frustração

há que se produzir uma nova, mas brevíssima, interrupção: educadoras, educadores, vos/nos prezo e estimo muitíssimo, sobretudo nossas estratégias de conversão de energia-medo em energia-esperança, energia-paixão. Nos equilibramos entre os escombros das ruínas da escola do império, convidamos educandes a equilibrarem-se também – convites muito aceitos, ainda – sobre o que restou, e inventar mundos, tecer baús de repertório, implantar olhos e bocas e mãos por todo o corpo. Fazemos o que podemos, com o que temos, quando podemos.

Voltando à angustiante caminhada pelos corredores das instituições de ensino: a escola é morta. Não se gosta da escola, não se quer estar na escola, nos obrigamos, educadores e educandes a permanecer na escola, uma sádica analogia viva necrocristã de habitar espaços, a escola – ainda naquele sentido larguíssimo – como penitência. Mas pensemos: quais são as condições de redenção desse paraíso projetado, esperado em penitência? A promessa da escola não se cumpre, ou não tem se cumprido. Não somos cidadãos, não produzimos respeito – sim, respeito é produção, falemos disso depois –, não somos o sujeito esperado pelos tipos, pelos ideais do ser sujeito, não aprendemos nada. As rodas de conversa têm se produzido esperançosamente, inesperadamente, intensamente, transformando nossos espaços e relações de aprendizagem. As rodas de gente em conversa povoam os buracos todos das cidades, muito é dito, muito é escutado, muito é aprendido, muito é experimentado, muito é recordado, muito é sentido, muito corpo feito e desfeito e refeito e desfeito de novo para mil novos refazeres – não, claro, não esqueço que vários dizeres e práticas carregam ainda questões de escola morta, sei, mas é justamente na presença e feitura de muitas questões de vida, de escola viva, que se invoca uma enfeitiçante esperança renovadora nestes povoamentos de saber dissidente, descontente, contentíssimo, desobediente, orgulhosamente cri-crítico.

Voltemos à apresentação do caso pedagógico. Estava em uma roda, em conversa, em um ambiente – um ambiente do Sistema S – controlado em certa medida, digo controlado na medida em que convidava os presentes à produção de pactos da roda assim que iniciávamos, pactos que imaginei como sendo estratégia possibilitadora, viabilizadora, azeitadora de enunciações e de recordações – sinto uma forma de ansiedade política em algumas proposições de construção de ação coletiva entre sujeitos em constituição cujas marcações apresentem clivagens duras de *diferença*, "*ah mas e se eu errar um pronome?*", "*ai, mas eu não*

*sei direito como que fala", "ai, eu falei muita merda?", e nisto acreditava necessário que disséssemos ao ambiente e à nós habitantes que, ali, ao menos reconheceríamos ali como somos responsáveis por certas reproduções discursivas de matriz violenta e diferenciadora por violência, que acolheríamos nossas desgraceiras e as desgraceiras dos outros, que tomaríamos tempo em nossas elocubrações antes de produzir enunciações, desejando assim tentar evitar conflitos desagregadores, não somente por um juízo negativo em relação à desagregação, mas para que a roda, como espaço de construção e fortalecimento e propagação dos múltiplos saberes, preservasse o mínimo de suas condições de congregação, além de acreditar que devemos olhar para a desgraceira para pensarmos em estratégias de desdesgraçamento; como nos ensinaram Milton Nascimento e Ronaldo Bastos, inventar cais (pontos de mirada) para lançar-se, lançar-se em saveiros aos caminhos do cuidado de si: os tópicos a serem conversados eram as ditas questões de gênero e sexualidade e as demandas por inclusão social.*

Íamos apresentando dúvidas, dividindo referências, produzindo entendimentos, nos emocionando – e várias são as emoções –, e sempre produzo tensões nas réplicas e tréplicas, no sentido de menos nos direcionarmos a categorizações identitárias, essencializações, *"ah a travesti é isso, a trans é aquilo", "ai, precisa fazer isso ou precisa fazer aquilo pra ser tal coisa"* – práticas discursivas muito recorrentes nas ambiências atuais de formação para produção de relações de gênero e sexualidade ao menos politicamente responsáveis –, e mais aprendermos a arrancar pedaços de nós mesmas, ficar raspando com a unha, a própria unha e a unha dos corpos vizinhos, as cascas da pele, os calos da pele. Sempre fico um pouco angustiada com certa esterilidade laboratorial de certos discursos e ações em alguns ativismos, reforço, alguns!; além disso, há também que se reconhecer que os recursos didáticos, algumas formas de categorização não perderam toda efetividade, manter um diálogo ou embate com algumas forças institucionais – como na redação de documentos legais para políticas públicas, por exemplo –, exige, sem dúvida, certo domínio técnico-semântico da vida, de certas reduções da vida, mas precisamos multiplicar as experiências de autoexperimentação, de autoexperimentação também pela experimentação coletiva, como diria Preciado, *"quem quiser ser um sujeito político que comece por ser rato de seu próprio laboratório"*<sup>9</sup>, poderíamos pedir que, nós ratos, não esqueçamos de manter aberta as portas do laboratório para que outros ratos possam entrar, de pregar cartazes nas rodas de outros ratos para ampliar o quórum experimental.

Paremos por um instante. Ali em cima disse algo que espero não tenha passado despercebido, uma espécie de armadilha, ou estratégia de sobrevivência, não sei, sobre *"certo domínio técnico-semântico da vida, de certas reduções da vida"*. O gênero, esse *"instrumento de racionalização do ser vivo"*,<sup>10</sup> no sentido clínico e diagnóstico postulado por John Money em seus estudos sobre a intersexualidade nos anos 1950 – postulação que Preciado entende como sendo produtora de uma *"[...] cisão e tornou-se o ponto de origem para o surgimento do regime fármacopornográfico de produção e governo da sexualidade"*<sup>11</sup> –,

9 Preciado, P. **Transfeminismo**. São Paulo: n-1, 2018, p. 370.

10 Ibidem, p. 121.

11 Ibidem, p. 109.

é entendido em um cômputo onde o diagnóstico opera por uma forma de reconhecimento visual do gênero, uma "ontologia ótica" que produz gênero, em um esquema produtivo em cujo regime interno de produção atuam sentidos de *atribuição* (de gênero sobre o sexo, um fundo de Natureza) e *reconhecimento visual*, um solo epistemológico que anima a máquina produtora de corpo em gênero-sexo. Gostaria aqui de cruzar essas informações com um certo sentido de *governo da sexualidade*, mais especificamente, com certas técnicas de governo, em seu sentido jurídico, de Estado. Berenice Bento, em seus estudos transviados, propõe a existência de um dispositivo de transexualidade regulador de microinterações médico-jurídicas com pessoas trans que produzem intervenções visando efeitos nos processos de subjetivação dos corpos trans, algo que trabalha com certa ideia do que seria uma pessoa trans de verdade na conferência de certos "benefícios" no sistema público de saúde, como distribuição de hormônios ou procedimentos cirúrgicos. Para além de indicar uma expectativa negativa de atitude em relação aos insubmissos ao dispositivo de transexualidade, para além de indicar a existência dos irreconhecíveis ou ininteligíveis ao dispositivo – indicação implícita no desejo regulador –, desenha-se uma ambiência cujos procedimentos técnicos produzem a precarização da vida desobediente. Ao persistir, do ponto de vista da ação coletiva de resistência, em políticas identitárias marcadas, ainda que aparentemente necessárias, podemos produzir, colateralmente, uma certa ontologização perversa do corpo transvestigênera, *reduções de vida*; Butler nos sugere, lindíssima-falou-tudamente, sobre a necessidade da identidade como objetivo político:

*Ainda que os discursos políticos que mobilizam a categoria de identidade tendem a cultivar as identificações em favor de um objetivo político, pode acontecer de a persistência na desidentificação ser igualmente essencial para a rearticulação da competência democrática.<sup>12</sup>*

Falemos em breve sobre a competência democrática, vamos respirar um pouco.

Continuemos com a narrativa. Nessas cutucações em roda, um sujeito homem cisgênero heterossexual compartilha algo como:

*meu nome, Darci,<sup>13</sup> é um nome comum de se encontrar tanto em homem como em mulher, e isso me gerou alguns desconfortos na vida, e me lembro de, um dia, ter feito um negócio. Na escola, relacionado aos equívocos que meu nome causa, sempre tinha uma professora ou professor que acabava me chamando "no feminino". Bom, nos primeiros dias de aula, as professoras perguntavam "quem é A Darci?", e eu levantava e respondia "eu, sou O Darci". Um dia aquilo me encafifou. E se eu fosse A Darci? Ai, eu fui pra casa, depois da escola e, escondido, eu vesti as roupas da minha mãe e fui olhar no espelho pra ver se eu era A Darci. Naquele dia eu descobri que eu era O Darci.*

Efeitos maravilhosamente acidentais da interpelação afectiva.

12 Butler, J. *Cuerpos que importan: sobre los límites materiales y discursivos del "sexo"*. Buenos Aires: Paidós, 2002, p. 21, tradução minha.

13 Feitiço de adaptação para dissimular evidências e preservar características gerais.

14 Preciado, *Testo Junkie*, op. cit., p. 4.

15 Favor cf. *Pajubá*, álbum musical de Linn da Quebrada, 2017.

16 Cf. Bagagli, B. "Forclusão do nome cisgênero e a política do significante". Disponível em: <https://transfeminismo.com/forclusao-do-nome-cisgenero-e-a-politica-do-significante/> Acesso em: 7 nov. 2018.

17 Butler, *Cuerpos que importan*, op. cit., p. 20-21, tradução minha. O rechaço, constitutivo do sujeito que materializa e regula as normas sociais e as práticas identificatórias, em gênero-sexo, aqui, é às desobediências, habitantes das zonas de abjeção de Butler, desobediência no sentido de reconhecimento do caráter vivo e rebelde, de elogiosa rebeldia, impresso, tatuado, a ferro e fogo, na carne desses seres, de reconhecimento de sentidos de liberdade, de poéticas de liberdade, de desejos de contra-produção anti-hegemônicos, associação de significância para fins de homenagem pelo reconhecimento de suas reservas de vida, de vida para/em/pela luta, macro e micropolítica.

Somos chamados a ter conosco quando a diferença, o corpo-diferença nos interroga, como diria o Blondie, *one way or another*. O gênero como instrumental analítico assume sua faceta gênero como *vara-de-cutucar-onça*, vara curta. Preciadinho diz: "*Gênero é algo que fazemos, não algo que somos – algo que fazemos juntos*".<sup>14</sup> Linn da Quebrada vos/nos interpela: "*O que é que tem em mim que tanto incomoda você?*".<sup>15</sup> Desobediência sísmica. Os corpos adjacentes às desobediências são, inevitavelmente, convidados a olhar para si, nem que seja para reforço do foracluído – cisgeneridade como significante opaco.<sup>16</sup> Uma maneira de, certamente, apontar pelo negativo; o efeito de cutucar-onça do gênero é a presença em certos discursos de uma suposta "influência" – por contágio ou ilusão – que exerceriam os corpos desobedientes sobre os adjacentes, principalmente aqueles ainda na infância e adolescência, falso negativo, simplificações necropolíticas, necrosofismas. Nesse processo coletivo de feitura de gênero, de reconhecimentos e negações, os adjacentes são chamados à pausa-brevíssima ou nem tão breve, a depender, na repetição dos atos performativos, uma pausa que não se dá nos domínios daquilo que chamamos consciência, mas em planos que abrem a possibilidade de uma disputa – sensivelmente – ética-estética de autoelaboração e, conseqüentemente, também de resistência para existência, sobretudo por parte das desobediências:

*A tarefa consistirá em considerar que esta ameaça e este rechaço não são uma oposição permanente às normas sociais, condenada ao pathos do eterno fracasso, mas sim, um recurso crítico na luta por rearticular os termos mesmos da legitimidade simbólica e da inteligibilidade.*<sup>17</sup>

É do plano dessas disputas ético-estéticas que emanam enunciações como "*respeito em primeiro lugar*", "*independente, a gente tem que respeitar*", "*respeito ao próximo*", é nesta dimensão das interações intercorporais que atuam, por certo efeito de (chamemos assim) vibração sugestiva, os produtos da síntese pedagógica e seus derivativos; vibração sugestiva pois não seriam de todo modo programativos, no sentido de que os produtos da síntese das atividades pedagógicas, me parecem, funcionariam como princípios – partículas – que vibram, produzem efeitos, mas não determinam os planos de ação, subjazem, pertencendo. Quando uma educadora, um educador, "ensina" – sempre tive problemas com a insuficiência de alcance deste verbo –, sobretudo se a ação pedagógica estiver orientada em um sentido popular, de educação popular (permitam-me puxar, aqui, as sardinhas todas), os produtos da síntese da atividade pedagógica e seus derivativos – princípios de ação que derivam dos produtos da síntese – se acumulam nesse plano de disputas ético-estéticas. Ao ser interpelado pelos corpos adjacentes, o sujeito em seus atos de fala, atos de corpo, remete-se a tais produtos, que vibram, sugerindo, de volta, planos de ação ao sujeito. Dito de outro modo, aquilo que se aprende nos orienta. Aprendizagem distingue-se de condicionamento. O aprendido, produto da síntese pedagógica, e o aprendido como matéria que vibra e agita os possíveis sentidos da ação, como sendo os derivativos dos produtos da síntese.

Entretanto, como disse mais cedo, respeito é produção. Quando desse plano de disputas emanam enunciações como aquelas, vibraram também partículas de tempo, lembranças. Os atos de fala e de corpo ressoam na aprendizagem e memória. De fato, as relações entre aprendizagem e memória dão um estudo à parte, pensemos: os próprios produtos da síntese da atividade pedagógica e seus derivativos foram núcleos de partículas de tempo outro, ou seja, as máquinas de lembrança já operam animadas também por certo arsenal de aprendizagem.

Respeito é produção, e produção comum. Respeito sempre há de ser comum, do contrário é dissimulação ou, no melhor dos casos, admiração irrecíproca. Quando a vara-de-cutucar onça do gênero de fato cutuca a onça nos encontros com a diferença, o *mesmo* vibra em resposta às interpelações das vibrações do Outro. No plano de disputas dos encontros, comunicam-se partículas que podem produzir aderência ou repulsa – sobretudo aquela que se apresenta sob a forma de cínica aderência. É necessário que haja certa ressonância entre os conjuntos de acúmulos de produtos da memória e da aprendizagem. Falo do gênero de maneira isolada, por me dedicar aqui a falar da especificidade do gênero isolado, não por não partilhar de uma visão onde os matizes de diferenciação (raça, classe, geração, e todos os outros) não estejam imbricados.<sup>18</sup> Voltando. Quando há a produção de respeito, há a aderência das partículas das adjacências às contíguas que, em vibração sugestiva, produzem sentidos de ação coletiva, comum. Uma pausa nos atos performativos de gênero, uma abertura produzida em processos de autoelaboração no plano das disputas ético-estéticas, é sempre produto da ação coletiva, na justa e positiva medida em que tal procedimento autoelaborativo é proporcionado por encontros, por afecções de encontros, por respeito produzido, por aderência do corpo do outro em mim e vice versa. Mais do que aderência, podemos falar em absorção do outro em mim e vice versa; elaborei esse caminho para propor que não basta dizer "*ai, respeito acima de tudo*" ou cantar "*é preciso amar as pessoas como se não houvesse amanhã*" apenas porque fomos obrigados a reproduzi-los à exaustão nas escolas e nas salas de nossas casas nos anos que se seguiram a Constituição Cidadã, ao Estatuto da Criança e do Adolescente, ao Criança Esperança, anos que carregaram uma atmosfera de desresponsabilização política ao alcance do telefone: doe e tenha tranquilos sonhos de que os tijolos do mundo melhor estão sendo postos por mãos competentes, afinal o brasileiro lutou tanto pelo fim da ditadura, pela saída do almofadinho traidor, agora tudo está "nos conformes". Anos em que nós, educandos, fazíamos *trabalhos escolares* sobre os princípios da redemocratização, mas não os *vivenciávamos*, anos – difícil falar em anos difíceis nestas terras sangradas secularmente e sistematicamente – de conformismo produzido pelo silêncio das cidades, silêncio produzido pelas chacinas promovidas pela polícia, pelas tentativas de sufocamento das vozes das favelas e aldeias e bordéis e quilombos e de vários outros redutos de desobediências-resistências. Nas escolas e novelas aprendíamos que era preciso respeitar, mas disso não se pode deduzir que entendíamos no corpo o porquê, e esses entendimentos se produzem no corpo. Nossas onças-cutucadas não dispunham de muitas ferramentas para absorção da potência das varas-de-cutuque. Que fique posto que não se trata de denunciar

impotências em instrumentos como a Constituição ou o ECA, muito menos de desprezar os esforços daqueles que se empenharam em vida e morte para a forja de tais instrumentos, trata-se antes de uma certa melancolia pelos sequestros de suas possibilidades.

Preciso falar sobre a criação das condições de aderência/absorção e sobre uma competência (perversa) da democracia: o medo.

## II

Hoje eu acordei em São Carlos, interior de São Paulo, na casa de uma amiga. Último dia de uma estadia breve, mas terapêutica. As últimas semanas em São Paulo, capital, onde vivo ou tento viver atualmente, não foram feitas de dias de viver, particularmente para es minhes. Decido fazer a viagem depois da morte de Jéssica no Largo do Arouche, ao menos assim identificada após intensa movimentação de desobediências na busca por uma dignidade da memória do corpo morto, corpo morto cuja vida cessou de existir ao som doloroso de invocações do nome do candidato à presidência: "*Bolsonaro*", ouvia a travesti enquanto o sangue lhe era extirpado. Na mesma semana, eu havia sido atacada com pedaços de carne e salgadinhos, em frente a uma estação de trem, quando voltava da universidade, após redigir alguns parágrafos deste mesmo texto: gritavam "*se o Bolsonaro ganhar, você vai morrer!*". Como persistir em uma política do corpo em aliança quando a um dos corpos deseja-se a aniquilação?

### II.I

Hobbes, no capítulo XVII do *Leviatã*, diz acreditar ser necessária uma manifestação de poder exterior aos sujeitos capaz de mantê-los em respeito: "[...] *os homens não tiram prazer algum da companhia uns dos outros (e sim, pelo contrário, um enorme desprazer), quando não existe um poder capaz de mantê-los em respeito*".<sup>19</sup> É preciso promover uma correção, não era necessária uma manifestação de poder exterior aos sujeitos, era necessária uma que o fosse exterior aos *homens*. A guerra de todos contra todos nunca foi uma guerra de todos contra todos. A este todo nunca esteve subsumida toda a gente. Até aqui, nenhuma novidade. O Estado Moderno como ficção política produzida por aquilo entendido como a racionalidade dos *homens* – assim o digo pois a própria concepção hobbesiana de *homens* não traduz certo cinismo universalista de que nessa expressão estaria contido o conjunto da humanidade, tendo em vista que esse estabelece que os *homens* possuiriam uma possibilidade de senhorio sobre as mulheres -- não se efetivava em práticas de governo que eram informadas pelas vozes daqueles que não eram os *homens*.<sup>20</sup>

Mas aparentemente há que se poder inferir reflexivamente sobre algo que está presente no desprazer que os *homens* sentiriam na companhia uns dos outros – ao menos na explicação hobbesiana: o medo. Na insegurança, "*os indivíduos tomam coletiva e simultaneamente a decisão racional e unânime de saírem do estado natural para entrarem no estado civil*"<sup>21</sup>, decisão como atitude positiva relativa à instabilidade da ficção do estado de natureza, positiva porque cria um pacto exterior e constitutivo: o Estado. A segurança como benção (ou maldição imprescindível?) derramada pelo Leviatã – e que é, em certo sentido, a matéria mesma que o nutre<sup>22</sup> – em favor do tributo soberania ou "liberdade natural" que teriam, os sujeitos, oferecido.

20 Não tomo *homens* aqui em uma forma acabada, essencializada, a-histórica, mas certamente como corpos que ocuparam - e ainda ocupam - um sem número de posições historicamente legitimadas de decisão e de força e que foram produzidos para tanto.

21 Jasmin apud Novaes, A. In: (Org.) *Ensaíos sobre o medo*. São Paulo: Senac, 2007, p. 113.

22 O Leviatã hobbesiano imita - no sentido que de que a criação do Leviatã imitaria a Natureza, que é a arte pela qual o deus cristão criaria e governaria as coisas do mundo - o Leviatã do Jó bíblico, tamanhamente tremendo e incomparável, "*Ele é feito de maneira a nunca ter medo*", alerta Hobbes. O Leviatã como um acúmulo, uma densidade de medos, medos que se duplicam e coadunam em uma única figura: o medo que origina o Leviatã dobra a si mesmo, uma parte permanece junto com o primeiro amedrontado (o medo do soberano), e seu duplo vai compor o monstro estadista junto com os duplos dos outros amedrontados (o medo convertido em segurança como efeito do pacto). O interessante, aqui, é esse atributo do medo deixar atrás de si algo residual que atua como forma de suporte para as ações de manutenção do controle daqueles que efetuam o pacto. Essa imitação, hoje, já não é tão incomparável e já tomou alguns bons sustos - e ainda há de tomar alguns.

23 Jasmin apud Novaes, A. In: (Org.) *Ensaíos sobre o medo*, op. cit., p. 113.

24 Não se trata, aqui, de um pacto histórico assinado por entes voluntariosos de certo momento específico de uma determinada narrativa histórica, mas como um entendimento específico e possível de uma narrativa histórica contemporaneamente recuperável.

25 Weber, M. "A Política como vocação". In: *Ciência e política: duas vocações*. São Paulo: Cultrix, 1993, p. 56.

Poderíamos, certamente, nos perguntar se não há nuances nessa igualdade, pois, afinal nem todos são igualmente iguais no estado de natureza: os que têm a perder outros bens e afetos além da própria vida parecem ter especial interesse nessa segurança e nessa proteção.<sup>23</sup>

Mais do que nuances, dissidências: essa igualdade, ou mesmo essa soberania, presentes em certas concepções de um sujeito clássico, racional, ou de uma razão clássica constitutiva de um sujeito soberano, já foram revisitadas e demolidas por toda uma tradição de pensadoras e pensadores. As eclipsadas da guerra de todos os *homens* contra todos os *homens*, esquecidas e ocultadas, ou mesmo esquecidas por ocultamento, tiveram vários de seus infames testemunhos do encontro com o poder recuperados ao longo do longuíssimo século 20. O que nos interessa aqui, ou lá em Hobbes, é o medo como criador, cujo ato criador deixa resíduos. O medo parece não desaparecer, ele certamente se multiplica. De certo não afirmo aqui um desejo de origem, de identificar, em Hobbes, um parto do medo, não, não é disso que se trata, mas me pareceu fortuito, quando tudo parece girar ao meu redor, focar a visão em um ponto fugaz de estabilidade no meio do borrão; tampouco quero dizer que não há tratamento possível para o medo, a identificação de seus residuais me parecem vistosas trilhas em um caminho para o cuidado de si. Ya hablaremos más adelante. O medo que produziu o pacto gerador do Estado (que já é o resíduo de um medo precedente, não necessariamente cronologicamente precedente), que se transferiu em parte para o Estado, cujo residual atuou como forma de suporte para a manutenção do controle *daqueles* que efetuaram o pacto<sup>24</sup>, medo-combustível da máquina de violência do Estado como relação de "*homens dominando homens*",<sup>25</sup> não morre na guilhotina. Nas histórias que se contam sobre as formas de governo, sobre os modelos de organização e gestão da população e da coisa pública, desde os tempos em que o Leviatã assombrou os mares ingleses, aprendemos sobre as constantes atualizações e transformações e sofisticções do uso do medo como energia movente das técnicas de governo - de si e dos outros, né Foucault?! -, da multiplicação e racionalização de seus suportes residuais.

Neste rodopio em que me encontrava, desvio o olhar - mas ainda afetada pelo passeio ao século 17 - para outro ponto no borrão: a não-queria-que-fosse falsa profecia democrática e a identidade das sujeitas como processo de reterritorialização pelo medo.

## II.II

Nunca se sabe muito bem o que querem dizer quando evocam aos quatro ventos a velha democracia.<sup>26</sup> Poucos são, de fato, as viúvas de Sólon e Clístenes, que se voltam às *overrated* (desculpa, risos) primaveras lacedemônias e atenienses, todo o resto me parece um conjunto de carpideiras que não sabem bem quem se homenageia, mas, pagando bem, que mal tem.

Tomei um *uber* nesses dias instáveis do ficcioso<sup>27</sup> Estado Democrático de Direito, o motorista era *eleitor do Bolsonaro*, uma identidade miojo do momento atual do Brasil, isso não porque é animada por corpos e subjetividades que se forjaram em três minutos, mas pela instantaneidade com a qual pareceram adquirir força e sentido de coletividade resistente, pela velocidade com que

26 Gostaria de deixar registrado um sentido, um velho sentido, da democracia, presente desde seus tempos atenienses, que é seu fundamental, "duplamente fundamental", traço de aliança com o imperialismo: "[...] a democracia foi o que permitiu Atenas transbordar para fora de Atenas: a energia de 30 mil cidadãos que podem ser mobilizados para a frota é maior do que a energia de 9 mil hoplitas (cifra comum em Atenas e em Esparta no alvorecer do século V), mobilizáveis para essa ou para aquela batalha decisiva. [...] Mas fundamental também num outro sentido, e mais inquietante: o bem-estar do démos ateniense e suas obras dependem, numa parte não calculável mas nem um pouco desprezível, dos recursos fornecidos graças ao controle que Atenas exerce sobre as ilhas e as cidades de seu domínio marítimo. Não foram os Estados Unidos a primeira República imperial." (Vidal-Naquet, P. **Os gregos, os historiadores, a democracia: o grande desvio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 179-80). Democracia, também, como esse velho, colateral, recurso de instrumentação de grande contingente de corpos segundo certo regime de verdade consensual – num *medley* Foucault-Rancièrre – mobilizáveis, e como força capaz de garantir/produzir vida pela sujeição de outras vidas, em outros territórios.

27 Utilizo aqui "ficcioso" no sentido de *fictio*, como fabricação, embora não esteja, de todo modo, descontente com sua possível acepção, por sarcasmo, de fictício como ilusório.

28 Cf. Rancièrre, J. "O dissenso". In: Novaes, A. (Org.). **A crise da razão**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 367-382.

foram sumonados do mar de apatia política e mobilizados – pelos fios de embusteiros geppetos, se me permitem a troça. Ele me dizia que depositaria na urna seu voto em favor de Bolsonaro, mas, antes de tal anúncio, cultivou, fez crescer uma ambiência para nosso encontro – quase como maliciosa analogia aos pactos de roda com os quais iniciei nosso diálogo:

*"eu acho que tem que ter democracia, numa democracia a gente vive pelo consenso, todo mundo deve poder falar, e eu falo, o PT tem que acabar. Por isso eu voto no Bolsonaro, o PT me quebrou e quebrou todo mundo, o povo tá amadurecendo, tá ficando esperto."*

A despeito (se é que se pode de alguma maneira dizer a despeito de algo no depoimento do motorista) das conclusões do meu interlocutor, o que me prendeu foi o discurso sobre o *consenso*. De que condições de concordância dizia o sujeito? A que totalidade de concordantes fazia referência?

Aquela palavra, assim como democracia – Rancièrre critica lindamente um discurso de todo modo hegemônico que acredita identificar a racionalidade política ao consenso e o consenso como princípio da democracia –, ou mesmo a palavra respeito, produzem um certo desconforto, para não dizer ódio, só para não dizer ódio, em mim e toda uma gente desobediente que frequentei nesses últimos tempos, nesses tempos de gênero. Somo coro ao ruído que Rancièrre identifica como a expressão do dissenso, este como parte de "[...] uma divisão no núcleo mesmo do mundo sensível que institui a política e sua racionalidade própria".<sup>28</sup> O mundo que partilhamos é partilhável a partir de uma divisão constitutiva, fenda que opõe modos de existir, oposição marcada pela produção de precarização da vida de uns sobre outros. E um dos índices de oposição, senão o fundamental, para Rancièrre, é o acesso à palavra, a fala inteligível, onde inteligibilidade não tem a ver com um domínio operacional técnico-subjetivo dos idiomas, mas com tornar perceptível, por obrigação, luta, suas sensibilidades aos que se opõe. Isso não implica dizer que o mundo se oponha em polos binários, mas que os sujeitos políticos em uma democracia não são equivalentes ao conjunto da população, que o consenso democrático é uma soma de não contados, aqueles que emitem ruídos em um mundo de fala, e mais: é preciso explicitar que a fala, o idioma, aqui, é também corpo. Operar a política, neste regime democrático consensual, operar mesmo em um sentido macropolítico, é poder dizer/exibir, e aos que muge/se arrastam, conquistar para si uma fala/corpo e depois reivindicá-los como operadores da política diante de seus opositores. E, adicione-se a isso, o consenso gestiona os sujeitos políticos nesses tempos por posições de identidade; distribui-se e controla-se a distribuição da fala/corpo autorizados, toda uma economia política da fala, toda uma urbanística da ocupação e circulação do corpo autorizado, entre os sujeitos assim reduzidos segundo índices.

Quando o motorista me diz, em nome do consenso, sua posição em um dos embates entre chapas de presidenciáveis mais emblemáticos da nossa *brazilian* necropolítica, o diz por sobre a voz dos não contados, dos irreconciliáveis, dos que não compõem a totalidade daquilo que se entende como sujeitos políticos: "*devemos respeitar todo mundo porque somos todos iguais*", "*somos todos humanos, no fim*", e assim insiste em seguir o coro em resposta aos atos dramáticos da velha política.

30 G.Cf. Gohn, M. G. **Teoria dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos**. São Paulo: Loyola, 1997.

31 Agracio-me aqui com a possibilidade de fazer uma citação menos rigorosa, não por duvidar da semelhança entre os conteúdos, mas em terras onde se queimam frequentemente bibliotecas e museus, onde se defende a queima de livros, deveremos começar a nos reacostumar a citar por semelhança, por oralidade, multiplicar e desviar intencionalmente os conteúdos na produção de novos saberes. Não queria ver o Museu Nacional em chamas, mesmo reconhecendo o caráter colonial da construção de acervo, mas certamente replicarei as memórias, por exemplo, que meu amigo Marcel C. Couto partilhou sobre os vivos encontros que manteve com o acervo, em intenção de produzir história sobre o museu, de ser o recipiente vivo de uma história que não poderá ser, de todo modo, apoiada em verdade documental, que é, inventiva. Radicalizando tal posição, Preciado, diante, no caso, em absoluto não menos importante, de redução "a sombras radioativas" dos frágeis arquivos sobre as desobediências, é "[...] indispensável transformar esse conhecimento minoritário em experimentação coletiva, em prática física, em modos de vida e formas de convivência" (Preciado, **Transfeminismo**, op. cit., p. 367).

Ao consenso, o dissenso com sua disposição para ser um "[...] operador de desclassificação, uma potência de desfazer a estrutura policial que põe os corpos em seu lugar",<sup>29</sup> como pensa Rancière. Homenageio aqui os corpos em luta que tiveram que operar uma virada de dentro dos movimentos sociais tradicionais para algo denominado como novos movimentos sociais,<sup>30</sup> uma virada que tinha, entre seus operadores, uma certa ênfase na categoria identidade, homenagem porque me sinto afetada pelo reconhecimento de trajetórias, de histórias de vida, que partilhavam de uma necessidade em se fazer uno para ser fazer todo; lembro de um livro que achei uma vez em uma biblioteca pública em Mogi das Cruzes, um livro que nunca mais encontrei, *Religiosidade Subversiva*, uma reunião de três peças do Plínio Marcos, que, se não me falha a memória, em uma espécie de texto de apresentação das peças, Plínio dizia que o ator, no grupo de teatro, deveria tomar uma consciência de si, saber do que se abre mão e o que se pode oferecer a certas coletividades,<sup>31</sup> aprendi isso também na escola de teatro que frequentei, uma tentativa de desfeitura do binômio platônico entre o racional e o sensível, e fazer-se um corpo pleno; "*conquistar a cena a partir de suas panturrilhas*" era o que me dizia o mestre, assim os chamávamos lá, os professores, mestres, conquistar a cena a partir de minhas panturrilhas implicava estender os limites do que entendia como sendo o meu corpo, desfazê-lo de sua razão obsessiva e inventar um novo, desvelar e ampliar alcances, para, em seguida, conectá-lo a outras corporalidades em coletividade, também renovadas e amplificadas. Os meus homenageados, aqui, as desobediências, as travestis, as feministas, negras e brancas, os gays, as sapatões, toda essa gente não contada que precisou construir corpos-coletividade, identidades, se fazerem uno para disputarem o todo, construíram esses corpos-coletividade com o tecido de seus corpos-individualidade, e nisso presto aqui minha homenagem e meus profundos e sinceros agradecimentos. O consenso governa e produz os corpos a serem gerenciados pelo fator identitário, mas esse movimento é acompanhado, certamente, de um desejo por identidade, como fator orgulhoso e possibilidade de conquista de direitos, por parte das desobediências-resistências, movimentos complementares de um mesmo processo de produção do real.

Mas rios correram, rios secaram e mananciais nasceram. O corpo-coletividade produziu colateralidades perigosas, viciantes: as identidades, por vezes, manifestam-se como *mechas*, esse robôs gigantes das ficções científicas japonesas, máquinas de guerra, controlados por um certo número de pilotos. De dentro desses corpos, fechados pelo aço, só se pode lutar – ao menos com maior mobilidade – nas dimensões largas, macro, da cidade. Foi preciso habitar assim a cidade, em certos momentos da história da cidade, empreender luta nessas esferas, foi preciso construir *mechas* para produzir enfrentamentos com o Levitã. Sim, lembram-se? O Levitã se alimenta de medo, medo que alimenta e medo que fica de reserva para futuras refeições, mas também produz medo, medo que produz resistências, contrainvestimentos. A identidade é o *software – soft war* – operado pelo Levitã no reconhecimento de seus súditos, mas também é coisa de enfrentamento ao Levitã. Contudo, ainda que muitos esforços de constituição identitária tenham nascido de gerações anteriores de desobediências-resistências, seus esforços acabaram sofrendo capturas de energia-

32 Passabilidade como uma espécie de coordenada estética – para inteligibilidade: em terra de ontologia ótica do gênero-sexo, passar por determinada posição de gênero-sexo, ter “aparência” de homem ou mulher cisgêneros – e mesmo a cisgeneridade está sujeita a condições de passabilidade –, é supostamente e/ou localizadamente, receber reconhecimentos produtores de uma imunidade, instável, em meio às, até agora, eternas temporadas de caça às desobediências.

33 Freire, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005, p. 23.

vida, convertendo seus processos de resistência por meio de sutis armadilhas, convertendo-os mesmo em sutis armadilhas, isso em composição com um certo regime de governo das gentes, um regime que é farmacopornográfico, como diz Preciado, onde pilulas e revistas masculinas servem de suporte para dispositivos de controle/forja das subjetividades, operações semiótico-técnicas e biomoleculares de gestão e materialização do corpo no capitalismo contemporâneo. O *mecha* de dentro é quente e insuportável de habitar, para mover-se nas dimensões estreitas, viélicas, buerísticas, micro, da cidade; não dá para ficar na praça sentada no *mecha* que ocupa a praça inteira e que faz com que poucos caibam ao seu redor. Ei, sim, eu reconheço, há corporalidades para as quais efeitos de identidade são quase imprescindíveis na garantia da manutenção da vida material, travestis prostitutas, nos rincões e *lofts*, cuja atividade mesma de trabalho sexual exige certos acabamentos, “*sex design*” comercializável segundo certos critérios fármacopornográficos de circulação e valoração, que apontar dedos e demandar desidentificações implica ares de arrogância filosófica que parecem não reconhecer/empatizar com os processos do real das territorialidades da prostituição. Não é isso, em absoluto. Mas a passabilidade<sup>32</sup> não está para todes como possibilidade e desejo, e também não sobrevive ao tempo, e é necessário pôr isso em outros termos, os processos de desterritorialização vivenciados/corporificados pelas pessoas trans, especificamente, me parecem ser logo acompanhados por processos de reterritorialização, e pelo medo.

Mas o que nos assusta? O que ainda nos move para dentro da identidade-mecha como máquina de resistência? Nesse ponto, gostaria de manter um diálogo mais com as desobediências-resistências, o que não implica, de todo modo, que você, que tem acesso à palavra/corpo inteligível no mundo do consenso democrático, não deva estar, de certo modo, informado sobre os processos próprios dos não contados. Paulo Freire, minha linda Paulo Freire, abre os caminhos que dão às formulações de uma pedagogia do oprimido dizendo: “*Aos esfarrapados do mundo e aos que nele se descobrem e, assim descobrindo-se, com eles sofrem, mas sobretudo, com eles lutam*”<sup>33</sup> Descubra-se conosco, faça como Darci, permita-se ao cutuque-da-vara, honre o tempo que faz passar do cutuque à cicatrização da ferida produzida.

Nesse rodopio, nessa vertigem que me acomete, nos toma, essa vertigem efeito da instabilidade nas vigas do Estado Democrático de Direito, os pontos de estabilidade que me auxiliam a produzir entendimentos sobre nossos desfalecimentos no encontro com o Leviatã, com os que desejam a aniquilação da vida de desobediências-resistências, para buscar alternativas de tratamento/ação, são estes os que levantei, o medo e seus resíduos e sua relação com o Leviatã, os ocultamentos do consenso democrático e, agora, o cruzamento desses pontos com a percepção da identidade das sujeitas como processo de reterritorialização pelo medo.

### II.III

O grande segredo do regime monárquico e seu interesse vital consistem em enganar os homens travestindo o medo sob o nome de religião, para mantê-los sob as rédeas curtas; de maneira que eles lutam pela sua servidão como se fosse pela sua salvação.<sup>34</sup>

34 Passagem de Espinosa citada na Nota do Tradutor em Deleuze, G.; Guattari, F. **O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Ed. 34, 2011, p. 46.

35 Quais os sujeitos da oração "que não desejam que mantenhamos vivo"? "[...] não, as massas não foram enganadas, elas desejaram o fascismo num certo momento, em determinadas circunstâncias, e é isso que é necessário explicar, essa perversão do desejo gregário" (Deleuze, G.; Guattari. **O anti-Édipo**, op. cit., p. 46).

O grande segredo do regime democrático por consenso, o grande segredo de um Estado Democrático de Direito é o de produzir medo que se apresenta sob o nome de identidade – *travestir* aqui não possuirá valor semântico análogo à ilusão, travesti não engana ninguém, nem pretende; Deleuze nos conta que um dos problemas fundamentais da filosofia política, apresentado por Espinosa e redescoberto por Reich, seria entender por que os *homens* combatem por sua servidão entendendo-a como redenção – mais uma vez, precisamos qualificar os *homens*, para além de reforçar continuamente essas desassociações significantes de *homens* como conjunto da humanidade, lembrar continuamente que resistências sempre se produziram internamente no conjunto disso que se homogeneiza como *homens*, que no combate por suas salvasões servis, *homens* carregam consigo fileiras ocultas dos processos mesmo de decisão coletiva dos destinos das lutas.

Menos do que apresentar algo que valha como solução ao problema acima apresentado, e mais em tentar materializar uma rota entre os territórios que visitamos durante essa espero não-tão-exaustiva construção de caminho de, não fuga, mas destino ético rumo às utopias dos nossos sonhos impossíveis, produzamos uma cartografia capaz de ligar os pontos. Estado Democrático de Direito. Como se interpenetram essas territorialidades, ou melhor, o que podemos vislumbrar de nós mesmos ao nomear os produtos dessas composições? Quais linhas passam pelos buracos das agulhas Estado, Democracia, Direitos na costura com a vida, com a minha, a nossa vida comum, aqui, nestes tempos?

Falamos de fabricações que talvez sejam perpassadas por uma linha mestra que é uma linha de medo. O Leviatã, com o passar do tempo, se me permitem um recurso à fábula, foi desenvolvendo graus de antropomorfização/divinização, e se apresenta hoje como uma espécie de deus homem cisgênero astuto, dissimulado, com traços de suspeito bom-mocismo, de uma autoridade que remonta a um tempo mítico, tempo de colonialismos e escravidões, os quais desejam<sup>35</sup> que não nos mantenhamos produzindo recuperâncias pelas máquinas de lembrança, os quais não desejam que se retransmita nos espaços de aprendizagem (todo espaço é um espaço de aprendizagem), pois assim se desenham caminhos para a repetição; que não conheçamos seu endereço, mas saibamos que se pensarmos nele com fé, sua tutela se estenderá sobre nós, mesmo com o aviso que as desobediências-resistências enunciam sobre seu caráter de falso ídolo: dizem "*graças ao Estado*", quando o "benefício" aparece, mesmo os mais descrentes dizem que é jeito de dizer; às vezes, revolta-se contra o deus-homem-Estado, mas ele promete recompensas àqueles que souberem seu lugar, "*que ocupem seus lugares de fala e exibição*" – sim, como todo encontro de poder, o lugar de fala reivindicado pelas desobediências-resistências tem produzido mutações cooptáveis pelos contrainvestimentos ardis do falso ídolo – e habitarão o reino dos programas sociais; "*vigiem seus postos contra supostos oportunistas*" – sim, em terra onde direito é migalha, o medo de sua inexistência/ineficácia coloca-nos uns contra outres. O deus-homem-Estado enfeitiçou as gentes estendendo um véu de distorção do real, fazendo-nos acreditar que sua presença mitigaria as desavenças, fazendo-nos ver segurança na precariedade. O deus-homem-Estado descumpra acordos, nos cobra, em retorno ao favor da segurança, a inteligibilidade, a boa e adequada apresentação, os

36 "O viciado em identidade tem horror ao turbilhão das linhas de tempo em sua pele. A vertigem dos efeitos do fora o ameaçam a tal ponto que para sobreviver a seu medo ele tenta anestesiá-lo: deixa vibrar em sua pele, de todas as intensidades do fora, apenas aquelas que não ponham em risco sua suposta identidade. Através deste recalçamento da vibratibilidade da pele, ou seja, dos efeitos do fora no corpo, ele tem a ilusão de desacelerar o processo. Mas como é impossível impedir a formação de diagramas de força, o estado de estranhamento que tais diagramas provocam acaba se reinstaurando em sua subjetividade apesar da anestesia. Este homem se vê então obrigado a consumir algum tipo de droga se quiser manter a miragem de uma suposta identidade. Algumas são suas opções." (Rolnik, S. "Uma insólita viagem à subjetividade: fronteiras com a ética e a cultura". In: Lins, D. (Org.). **Cultura e Subjetividade: saberes nômades**. Campinas: Papirus, 1997, Disponível em: <https://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/viagemsubjetic.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2018).

bem-dizeres, o decoro no desfile pela cidade, e quando cumprimos nossa parte do trato, o que ele recolhe na verdade é uma parcela de medo; possuímos reservas inesgotáveis de medo, quanto mais o entregamos em tributo, mais se nos brota. O que nos garante cumprindo promessas descumpríveis é o medo do trágico. Quando o Leviatã veio se apresentar às gentes como aquele que poria fim ao nosso desprazer violento em conviver em troca da bagatela de nossa obediência, estava perfeitamente avisado de nossa adicção<sup>36</sup> em evitar o trágico, que dispunhamos de inesgotáveis fundos de moeda-medo.

Assinaram-se contratos – alguns poucos em nome de alguns muitos. É certo que nem todas as gentes, por sua vez, reconheceram legitimidade no contrato – ou vivenciaram possibilidades mesmas de conhecimento do contrato. Algumas foram forçadas, portanto, a habitar as marginalidades ruidosas da cidade dos sonhos dos falantes exibicionistas, ou as marginalidades das casas e dos territórios dos centros da cidade dos sonhos dos falantes exibicionistas na condição de mutismo pseudoconveniente – na verdade, conveniente por abuso –, outras passaram a negociar seus passeios pelos centros da cidade com obediências contingenciais, estratégicas; outras ainda passaram à exaustiva, e por vezes ingrata, confecção de feitiços para minar os efeitos da magia do Leviatã, seja sob a forma do desvelamento de suas argúcias para produzir planos de ação entre os cidadãos, planos de contrafeitiçaria, ou para produzir efeitos inesperados em nossos fundos de medo, utilizarmos nosso medo em seu potencial elogioso, o de pelo risco ao misterioso enfrentar o trágico. O trágico oculta mistérios que guardam chaves para outros entendimentos, outros modos de existência, oásis para o refestelo das onças cutucadas.

O deus-homem-Estado nos diz para evitar o trágico, mais do que isso, ele opera sua magia no nível biomolecular dos cidadãos, na produção de suas sensibilidades, garantindo que os residuais do medo continuem produzindo determinadas condições de aderência/ absorção das partículas do Outro nos Mesmos da cidade. Porém, venho por meio desta comunicar-lhes que vi os mistérios, ALÔCA, MAS EU VI, e não vi sozinha; se acessam esses mistérios nas formas mais antigas de magia, a magia ritual, nas congregações das gentes que vivenciam os mistérios, mas nas congregações das gentes que invocam as potências elogiosas do medo, que confeccionam com o medo chaves para portas que dão para mistérios: os rituais de slam, os rituais de associação de bairro, os rituais de educação popular, os rituais saraus, os rituais de escuta nas praças, os rituais de rodas de gente em conversa, os rituais assembleias. Fortificadas por esses rituais, cada vez menos precisaremos de *mechas* para macrodiálogos.<sup>37</sup> Nossos esforços, sugiro, deveriam sempre mais se direcionar às alargaduras, às desidentificações, ampliar ao máximo a teia mágica do deus-homem-Estado até que ela se rompa, e rompa os fios de medo que a tecem, até que o ruído deixe de se opor à fala, mas que o ruído se estabeleça como mais um modo de dizer. É preciso recuperar o tempo mítico do Leviatã à exaustão, e depois converter esse esforço em esforço de esquecimento; nomear para derivar nomeações outras, inventar contrafeitiços-conceito.

37 Este ano, no mesmo pleito eleitoral que sustentava velhas formas de representatividade, formas *mecha* e formas necropolíticas, apresentaram-se forças renovadoras, candidaturas coletivas, ampliações das condições de representatividade pelo povoamento dos não contados em figuras de representação política que não se resumiam a um representante, renovando as condições de representatividade.

Exercitar o princípio dissensual da democracia, reverter seus esforços policiais em potência plástica de esticar-se até o limite para desestabelecer-se como forma de governo dos outros e desdobrar-se em táticas contingenciais para tomada de decisões micropolíticas, táticas que incorporem projetos de desidentificação, para renovar mesmo o âmbito macropolítico: não se trata de abandonar a linha de frente macro, mas saber valer-se de certa ginga para transitar entre os territórios macro e micro, produzir interpenetrações positivamente transformadoras de seus ambientes para produzir outros entendimentos e condições de eficácia dos direitos a serem tutelados pelo Estado Democrático de Direito que possam abranger mais fileiras de corpos assistencializados, entendendo como mecanismos de assistência social, mais do que auxílios diretamente financeiros, que são extrema e irremediavelmente necessários, processos de reterritorialização que criem vínculos possibilitadores da materialidade da vida precarizada, possibilidades que carregam impulsos de transformação da vida assistencializada. A isto não se soma uma espécie de desejo de manutenção da operância da magia do Leviatã, se reformadas segundo critérios socialmente responsáveis, mas um desenhar horizontes possíveis a partir de passos possíveis, rebaixamento das modulações ansiosas da vida em benefício da sustentação de condições de suportabilidade da vida para garantir as reservas de energia para congregar e povoar as congregações de sentidos de imaginação política que vislumbrem a descostura dos fios do medo do trágico, que nos lancem para outros modos de existir, por fim – onde fim não é destino, mas processo de processo –.

Acredito, tudo isso comporia, estrategicamente, com um desejo de descosturas dos fios que ligam certas sensibilidades óticas a domínios ontológicos – aquilo que chamamos de uma ontologização perversa do corpo transvestigênere, lá atrás, onde operações de atribuição/reconhecimento visual do corpo em gênero-sexo se efetivariam também como precarização ou formas de produção de precariedade em vidas desobedientes, redução de vida – como recurso à ampliação daquilo entendido como direitos, direitos que não atuam sobre corpos-índices, mas direitos que são princípios extensíveis a corpos-vivos em situação de reivindicação e em desejo de construção comum dos parâmetros legítimos para tal exercício, mas, também, pelo reconhecimento das negociações com reservas de medo que subjazem tais costuras identitárias – passabilidade como fator de sobrevivência ou prolongamentos de sobrevivências –; implica reconhecer a aprendizagem como um dos recursos críticos para a rearticulação dos termos mesmos da legitimidade simbólica e da inteligibilidade, que nos diz Butler, evidenciados pelos holofotes recebidos pelos discursos que falam da tal "influência" que exerceriam as desobediências, presentificadas ou conteudizadas, em ambiências de aprendizagem: necroverdade produtora/mantenedora do desejo de policiar e gerir corpos urbanisticamente e segundo uma economia política dos atos de fala/atos de corpo, eclipsadora de modos de aprendizagem pelo encontro, geradores de derivados de sínteses pedagógicas capazes de melhor vibrar com as partículas adjacentes em processo de aderência/absorção – e é preciso que haja ressonâncias no cruzamento das interpelações presentes nos encontros, nos processos de aderência/absorção, é disto que se trata, de políticas do corpo em aliança, de descobrir e efetivar

modos de aprendizagem capazes de receber o corpo des Outres em mim, de preparar meu corpo para ir passear no des Outres –, vivenciar o aprendizado, produzir respeito que não seja direcionado a um fantasma identitário, mas a um corpo real e em proximidade cutucante.

E, por fim, é preciso dedicar-se à desobstrução das potências de encontrar-se pela gestão do medo entre identidades/territórios irreconciliáveis, cuja irreconciliabilidade é produzida também pela ficção do desprazer gregário que o Estado, tornado partícula de tempo, codificou no transcorrer dos séculos: o medo postulou caminhos oficiais, encontros autorizados, saberes legítimos, decisões sábias, corpos vivíveis e poemas escrevíveis. Não se trata de reinventar a roda, mas de desenhar novas rotas para o seu girar. E, não, não influenciamos: afectamos. Aprendamos a aprender a lidar.

## II.IV

Termino. Sempre me disseram, "*ah, mas pra quê tanto nome, tanta sigla? não era mais fácil se todo mundo fosse igual, sem precisar ser chamado desse ou daquele jeito?*", e sempre respondo: os nomes e as palavras manejam poder, uma coisa é sugerir a dimensão de luta identitária como *mecha* prisão, tornado dispositivo de produção de modos de subjetivação, de controle, tornado, assim, por sequestro de potência, sequestração de dissidência, como pensa uma querida amiga, Yuri Bataglia Esposito, outra coisa é recusar o direito ao nome, à autodeterminação. O nome abre às condições reais de invocação, interpelação, afecção, o nome retira o sujeito da espuma do pântano da invisibilidade para o centro das atenções; o nome posiciona as sujeitas, pela memória, no momento em que se fazem presentes no encontro, mesmo em ausência. Aprendam nossos nomes, entendam nossas palavras, ao menos aquelas que desejamos que sejam entendidas, portanto entendam também que algumas de nossas palavras permitem ocultamentos que são próprios daqueles que ainda precisam viver em certas condições de proteção e mesmo de clandestinidade.

Os fluxos da cidade se vem demasiado codificados segundo princípios de circulação de palavras autorizadas, seja pelo conforto de suas longevidades significantes, seja pela confusão que algumas causariam nas ordenações dos entendimentos comuns: chega, por favor, de nos dizer que não nos entendem, que os esforços por entendimento empreendidos nas neutralizações de gênero em operâncias por resistências-dissidências são demasiados, que produzem desagregação. Nos escute e nos pergunte quando não entenderem. As varas das onças da diferença não deixarão de produzir cutuque, diante disso inventemos modos de ser cutucado, modos de ser-cutucável, de produzirmos pela via do medo elogioso habilidades exploratórias de permissão à aderência/absorção des Outres, de abertura aos nomes e palavras des Outres.

E, certamente, no que diz respeito ao diálogo próprio entre desobediências-resistências, e em composição com o discurso de Preciado que abre esse passeio, se somos parte de uma revolução, uma revolução transfeminista, devemos assumir posturas mais propensas a criar nossas possibilidades de recepção das demandas daqueles a se aliançar, não digo nos termos do que temos posto como crítica, o de passagem de pano ou de nos reformularmos pela via da colonização do pensamento e do corpo como moeda

de troca por uma certa tolerabilidade, mas no sentido de inventar modos de produzir tratamento comum aos cutuques que nossas onças de certo promoverão: dizemos "*não somos obrigadas a nada*", e descobri(mos) fundos enormes de energia para a vida de tal feitiço. Mas se nos desresponsabilizarmos de tudo, se nenhuma de nós ocupar postos importantes nos novos momentos de decisão de rumos e de manutenção das conquistas/trocas junto ao deus-homem-Estado – mesmo que, por vezes, tristemente fugazes e sob juro altíssimos – e de territórios, ainda que venham sendo ameaçados todos de retomadas pelas mãos da gentrificação, postos posto onde exibimos o corpo e emitimos nossos fins e chiques ruídos, se nenhuma de nós continuar, por alquimia política, convertendo moeda-medo em medo elogioso, se nenhuma de nós se dispuser a lamber a ferida de cutuque, dificilmente irão se produzir reciprocidades alegres nos encontros que continuaremos a *travar*, nos encontros que se seguirão, se multiplicarão, conforme avança a marcha da desobediência.

E, mais: entre nós, desobediências-resistências, vestir *mecha* para identificar "embusteiras", supostas desobediências-conveniências, não vale um picumã mal-trançado. Que os esforços sejam mesmo de valer-se de tais supostas embusteiras para ampliar os alcances do cutuque para outros territórios, levar a onça para tomar água em outros rios. Lembremos: "*o surgimento da fobia limita o espaço de circulação do fóbico*"<sup>38</sup>, as sóciofobias não limitam apenas o espaço de circulação do fóbico, mas tendem a restringir os fluxos do objeto fóbico também, os corpos adjacentes não desejam nos encontrar e nós, desobediências, resistimos em regimes de restrição às topografias produzidas elas mesmas pelo isolamento do objeto fóbico; assim posto, a confecção do entendimento da dimensão *vara-de-cutucar-onça* do gênero, uma dimensão criativamente relacional, afectiva, surge como necessidade de produzir microentendimentos comuns aos encontros, converter energia-encontro em energia-conhecimento, perceber a si e desenvolver tecnologias de si, de cuidado de si, por meio de encontros, encontros entre desobediências, encontros entre contados e não contados – isso em uma relação de limites com os limites próprios das violências, em que existem os encontros e existem os confrontos, em que os encontros nos preparem para os confrontos. Retomando o exposto no início: "*Como persistir em uma política do corpo em aliança quando, a um dos corpos como qual se aliar, deseja-se a aniquilação?*", não é em toda relação de aliança que há o desejo, mútuo ou irrecíproco, de aniquilação. Refinemos a escuta, as superfícies de toque, produzamos salões de receber es Outros em nós, produzamos condições de respeito, que é comum, pela disponibilidade que é própria e necessária dos momentos de revolução. Te lambo a ferida, me lambe a ferida.

### III.

Deixo aqui, para não deixar a infeliz impressão de que falo sobre coisas que não sei muito bem como planejar contrainventar, de que não sei bem como inventar contra a mola que resiste, de que não deixei pistas de como segurar a primavera nos dentes, e olha, não sei bem mesmo, mas aprendi três feitiços com três amigas, Suri Wini, Rapha da Cruz e Magô Tonhon que ajudam a produzir posturas, técnicas-mágicas de invocação de disponibilidades aos encontros e de proteção aos maus encontros.

### III.I

*Feitiço da Debosheila* ou Metodologia mágica de convocação do sujeito ao encontro mediante o desvelo de seus posicionamentos/ posições em dada cartografia política: diante de situações onde os parceiros de encontros, sobretudo de maus encontros, produzirem enunciações como "ah, mas os gays já querem demais, né, já pode casar e tudo e agora querem até adotar, ah, eu acho um pouco demais", convoque o espírito da Debosheila, que arroteia os debates, e responda com o cinismo que é próprio de tal manifestação, "ah, jura?", e leve a mão ao maxilar, em concha, enquanto reclina a cabeça com expressão de desentendimento, "não entendi", responda conforme a Debosheila lhe sussurra ao ouvido. Os sujeitos são poucas vezes, em nossas dinâmicas mais tradicionais de produção de ambiência ao encontro, convocados a elaborarem-se ou defenderem seus posicionamentos para além de reiteraões de discursos fabricados pela tradição, televisão e propriedade. Leve-o à exaustão, à percepção dos limites de sua elaboração por meio deste encantamento debochado, mesmo que o final do encontro tenha conduzido o parceiro, ou a parceira, à sustentação de necroposições políticas. A Debosheila, então, como recurso para a identificação dos potenciais aliados.

### III.II

*Feitiço Chocláudia* ou Ritual de purificação para autodefesa em regime de desnaturalização de violências: manter-se atenta e forte em relação aos dispositivos de banalização das violências. Performar o ritual de Chocláudia consiste em sempre que se apresentarem corpos precarizados em posição de demanda por atenção, quando se fizerem presentes discursos animados por máquinas de lembrança que recuperam memórias de precarização, invocar o espírito de Chocláudia para que nunca se produzam efeitos de naturalização do choque, próprio às manifestações de desgraceira social, de ódio, de decisões malditas sobre a vida e a morte do corpo desobediente-resistente. O estarrecimento como momento mágico anterior à ação para manter em continuidade os fluxos de desobediência que animam as máquinas de resistência, o estarrecimento produz o bom funcionamento das peças das máquinas de resistência, pois como diz a canção, não posso, não devo e não quero viver como toda essa gente insiste em viver, e não posso aceitar sossegada qualquer sacanagem ser coisa normal.

### III.III

*Feitiço Aracnádica* ou Metodologia mágica para devir-aranha: as aranhas são animais fantásticos, possuidoras de habilidades que cujas finalidades não se encerram em si mesmas. Suas teias, por exemplo, envolvem tanto as presas, e não só envolvem, como cultivam estoques de presas; suas teias servem também para envolver os ovos dos quais nascem as novas gerações de aranhas; têm oito patas, e podem ter oito, ou seis, ou quatro, ou dois, ou ainda nenhum olho; têm ainda condições de deslizar sobre os

territórios, próprias de quem tem muitos pés, além de condições de vidência que se compõem com os cenários a serem vistos. Devir-aranha como aquisição de habilidades de cuidado, de contra-ataque, de vidência ajustada/ajustável, de habilidades que possibilitem outros deslocares pelos espaços, pelas ambiências dos encontros, de ampliação dos limites de conhecimento do corpo des Outros por meio de outras maneiras de envolver o corpo des Outros.

